

O DESAFIO AMAZÔNICO

Recentemente ganhei do amigo e confrade da Academia Barretense de Cultura - ABC -Luiz Brandão, o livro **O Desafio Amazônico** de Samuel Murgel Branco, biólogo e professor de Ecologia Aplicada da Universidade de São Paulo. Nele encontramos informações técnicas e históricas, sobre a beleza e complexidade do bioma Amazônico, ressaltando-se a origem dos problemas que dificultam sua colonização. Samuel demonstra com um linguajar simples que, qualquer política de preservação da Amazônia deverá respeitar as peculiaridades de seu ecossistema ou estará fadada a um completo fracasso, **com perigosos reflexos em toda a biosfera terrestre**, e procura responder as seguintes idagações:

- Como tem sido a utilização dos recursos naturais e a preservação de seu equilíbrio?
- Como impedir a ocupação inescrupulosa e coibir as ações desordenadas do governo?
- É possível explorar criteriosamente a região, respeitando a população local?
- Quais os princípios éticos e os dispositivos legais a serem considerados?

Os mitos predatórios do homem civilizado - Ao contrário da autêntica mitologia nativa, o colonizador “civilizado” foi sempre movido por lendas que pouco têm a ver com a verdadeira natureza amazônica. O europeu conservou, sempre, a **errônea impressão de terras extraordinariamente férteis**, engano esse que incorreu também o famoso naturalista e explorador alemão, Alexander von Humboldt (1769 – 1859). O interesse dos conquistadores europeus residia na busca de minerais valiosos, ouro e as pedras preciosas que encontraram, em certa abundância, no Peru.

A exploração desses minérios se fez, sabidamente, segundo um processo de esgotamento, pouco interessando, aos exploradores, a conservação ou o restabelecimento da natureza das áreas revolvidas, uma vez que o ouro não renasce. Sua atividade é, pois, essencialmente predatória em relação à conformação paisagística e à manutenção de recursos vivos.

Pode estender-se, de forma nefasta, a outras áreas quando a exploração, praticada em larga escala, gera produtos nocivos e venenosos que, transportados sobretudo pelas águas superficiais e subterrâneas, vão produzindo a esterilização progressiva dos solos e dos rios.

Ao explorador espanhol ou português, entretanto, nada disso podia importar, uma vez que usava a terra amazônica apenas como fonte de recursos, não mantendo com a mesma qualquer outro tipo de relação de dependência.

A imagem de um imenso território rico em florestas e em águas associada à proximidade do ouro e das esmeraldas da vertente peruana originou a lenda do **El Dorado**, “o lendário reino de ouro, situado na povoação de Manoa”. Essa fabulosa cidade estaria ligada a um imenso lago, o Parima e constituiria a origem do rio Orenoco. A esse lago estariam ligadas as Fontes da juventude, capazes de rejuvenescer as pessoas.

Na verdade, os geógrafos da época, não possuindo os conhecimentos de que hoje se dispõe a respeito dos **ciclos hidrológicos, acreditavam que todo grande rio deveria originar-se de um grande lago, como fonte e reservatório permanente de suas águas, a garantir seu constante caudal. Não se sabia, então, que esse grande reservatório é constituído pelo próprio solo da bacia hidrográfica que, à maneira de uma esponja encharcada, vai cedendo suas águas através de nascentes distribuídas por toda a área de drenagem.**

Em 1779 quando já se achavam avançados os estudos sobre o aproveitamento da borracha - uma expedição foi enviada com o fim de descobrir o El Dorado, custando a vida de muitas centenas de homens. Segundo Humboldt, uma das possíveis origens da lenda poderia situar-se no fato de existir, no lago Amacu, uma ilha denominada Pumacena, constituída de uma rocha de lâminas brilhantes, o xisto micáceo que, brilha intensamente à luz do sol, a ponto de os indígenas da região acreditarem que as nuvens luminosas da nebulosa de Magalhães bem como as que constituem o "navio Argus" seriam "um reflexo do esplendor metálico que lançam as montanhas de prata do Parima".

Francis Bacon com muita propriedade já afirmava: “Não se pode dominar a natureza senão respeitando-a.”

Luiz Antonio Batista da Rocha –Eng. Civil – Consultor em Recursos Hídricos – Auditor Ambiental – rocha@mdbrasil.com.br – www.outorga.com.br – www.rochaoutorga.hpg.com.br